

Ascensão e queda do Ciem

MARCELO LARA RESENDE

0 GLOBO

"Je me souviens." Lema de Québec

O Centro Integrado de Ensino Médio — escola de aplicação da Universidade de Brasília — existiu durante o período compreendido entre o final da década de 60 e o início dos anos 70. Relativamente pequeno — trezentos alunos selecionados com rigor — o Ciem funcionava em tempo integral, em edifício premoldado, na UnB. A simplicidade das instalações contrastava com a riquíssima experiência educacional que marcou para sempre um privilegiado grupo de jovens brasilienses.

Estruturada em departamentos, a escola prezava a flexibilidade curricular pelo sistema de créditos. Era grande a possibilidade de estudos avançados. Antes mesmo de prestarem o vestibular, os alunos habilitados tinham permissão para cursar as cadeiras na UnB. Posteriormente, os créditos precocemente acumulados eram aceitos pela Unb. Os alunos do Ciem podiam assim encurtar a duração do curso universitário.

A escola enfatizava as atividades extracurriculares: clubes, esportes, congraçamentos, palestras, disputas políticas, debates, produção de jornais, revistas, filmes, festivais, shows etc. O objetivo era utilizar a educação intelectual, física, artística e social para conjuntamente treinar o caráter. A escolha de como complementar as atividades acadêmicas era feita pelos próprios alunos.

A formatura estava condicionada à conclusão de monografia sobre um tema histórico, também de livre escolha. A metodologia, a pesquisa e a originalidade exigidas na elaboração das pequenas teses diferem em profundidade, como é natural, do que é requerido em programas universitários.

As avaliações de rendimentos levavam em conta a opinião dos alunos, prerrogativa que jamais foi utilizada de forma inadequada, tal a maturidade e o sentimento de honra que a escola inspirava.

"Liberdade com responsabilidade" era o lema, a filosofia subjacente do Ciem. Liberdade para criar, emprender, criticar ou sugerir alterações na própria administração da escola. A liberdade total era sempre lastreada na responsabilidade. A autoridade e a ordem eram garantidas pela autodisciplina. A repressão e o paternalismo inexistiam.

A filosofia da escola preservava a curiosidade, a criatividade, a autoconfiança e a iniciativa dos alunos. Estimulava o raciocínio e o entusiasmo. Respeitava, portanto, a personalidade de cada indivíduo. O Ciem ensinava a pensar, incentivava a leitura e valorizava o debate intelectualmente honesto. A competição servia de mola propulsora para desempenhos excepcionais nas mais variadas áreas.

Na teoria e na prática a escola reconhecia a importância de uma educação equilibrada. A academia, a arte, o esporte, a convivência social e política eram igualmente considerados na formação de um cidadão destinado a viver numa sociedade justa e feliz. Cada um agia de acordo com seu ritmo e interesse. Garantido o respeito ao próximo, os sonhos e os objetivos eram os mais variados. Ato de coragem eram louvados por todos. A atmosfera era agradável e estimulante, o ambiente produtivo e alegre.

Tudo era permitido aos alunos do Ciem, menos a passividade e a covardia. Se acontecia de alguém perder uma parada, aqui ou ali, eram a rigor impraticáveis o desestímulo e o abandono da luta. A camaradagem, o entusiasmo e a aguda percepção da realidade política, econômica e social da época jamais deixavam de estar presentes. Analisadas retrospectivamente, a seriedade daqueles jovens chegava a ser desproporcional à sua pouca idade.

Houve assim em Brasília uma escola pública que evitou reprimir a iniciativa, padronizar o comportamento, matar a criatividade ou limitar o sonho de seus alunos. Quando

a repressão violou a filosofia básica da escola, arrombando suas portas para patrulhar e tentar submeter seus alunos aos ditames do regime fechado, a reação de bravura foi imediata. A desigualdade de forças, porém, selou o triste destino do Ciem. Asfixiada pela falta de liberdade — combustível —, a avançada experiência pedagógica patrocinada pela UnB abortou.

Sem liberdade, era impossível a responsabilidade. A iniciativa foi sufocada pela passividade, a coragem cedeu lugar à intimação. O poder criativo das idéias foi esmagado pela prepotência. A autodisciplina deu lugar ao autoritarismo, que provocou a revolta, introduziu o caos, promoveu o expurgo e a prisão, até que finalmente fechou a escola. Foi o último recurso encontrado para lidar com jovens que ousaram pensar e sonhar além das fronteiras da triste conjuntura política da época.

Perdida a batalha, o sonho politicamente livre, intelectualmente produtivo e socialmente justo recolheu-se aos corações e às mentes daqueles que vivenciaram a efêmera experiência pioneira do Ciem. Aliás, não surpreende ver hoje bem-sucedida a maioria dos seus alunos. Prepararam-se para tornarem-se líderes na área de atuação em que se encontram.

Ao ser fechada, a escola já tinha plantado a semente desse sonho que agora, quem sabe, pode germinar na ação de Fernando Collor. Fernando Collor deixou de ser apenas um aluno do Ciem, cujos passos só interessavam à sua família e aos seus amigos. E o Presidente eleito da República; o principal responsável pelo futuro do Brasil. Que o Presidente Fernando Collor, inspirado em experiência própria, possa ressuscitar o lema do Ciem — Liberdade com responsabilidade — para fortalecer também o seu governo. Assim como o Ciem, o Brasil tem vocação liberal.

Marcelo Lara Resende é ex-aluno do Ciem e economista.